



**Quintus Curtius Dubius:
Debates Historiográficos em Torno da História De Alexandre**

Thiago do Amaral Biazotto¹

Resumo: Este artigo lida com a História de Alexandre, do autor romano Quinto Cúrcio Rufo. Única narrativa autoral em latim sobre o conquistador que sobreviveu até nossos dias, a obra de Cúrcio tem sido alvo de diversos debates historiográficos a respeito de sua datação e autoria. Apresentar parte destes debates é o objetivo deste artigo. A partir da leitura de fração da fortuna crítica da História de Alexandre, é perceptível que a maior parte da historiografia tende a alocar a obra de Cúrcio sob o principado de Cláudio (41 d. C/54 d. C.).

Palavras-Chave: Quinto Cúrcio. Historiografia Antiga. Historiografia Romana.

**Quintus Curtius Dubius:
Historiographical Debates on Quintus Curtius History of Alexander**

Abstract: This article deals with the work History of Alexander, by the Roman author Quintus Curtius Rufus. Only authorial narrative written in Latin about Alexander that survived to these days, Curtius' work has been subject of several historiographical debates on its dating and authorship. To present part of these debates is the main purpose of this article. Through the reading of a fraction of the critical fortune on History of Alexander, it is noticeable that a major part of the historiography tends to put Curtius' work under the principate of Claudius (41 AD – 54 AD).

Keywords: Quintus Curtius. Ancient Historiography. Roman Historiography.

Introdução

A anedota é contada por ninguém menos que o jurista francês Jean Bodin (1530-1596). Seu protagonista, no entanto, não deve em nada em termos de fama ao narrador: Fernando II de Aragão (1452-1516), ilustre monarca espanhol. Certa feita, o rei caiu enfermo, vítima de febre arrebatadora. Seus médicos já haviam perdido a esperança. Se padecesse àquela altura, a Espanha não se tornaria a potência marítima tão afamada dos séculos XV e XVI. Fernando, porém, resistiu à moléstia. Resta a pergunta inevitável: qual teria sido o bálsamo que o salvo? A leitura dos escritos de Quinto Cúrcio Rufo, autor cuja obra História de Alexandre é o tema deste estudo².

¹ Doutorando em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduado em História e mestre em História Cultural, ambos também pela UNICAMP. Este artigo é derivado de minha dissertação de mestrado, que contou com apoio da FAPESP (2014/01462-0).

² A fábula parece ter sido famosa na passagem do Medievo à Modernidade. Pejenaute Rubio (1986, p. 54) conta que outro soberano espanhol, Afonso, o Magnânimo (1396-1458), é quem, décadas antes, teria sido curado de hipertermia graças às letras de Cúrcio. A versão atribuída a Jean Bodin provém de Hartog (2003).



Apesar de ter operado tão fantástico milagre, nosso conhecimento sobre o santo é minúsculo. Sabe-se que é um autor romano, responsável pela única narrativa autoral sobre Alexandre em latim que chegou aos nossos dias e que sua opinião sobre o conquistador é talvez a mais crítica entre os assim chamados historiadores de Alexandre³. Suas letras delineiam um macedônio que vai aos poucos se degenerando, perdendo virtudes, abandonando sua altivez, como uma estrela que se apaga no firmamento (VIZENTIN, 2010, p. 161).

Contribui para a falta de informações a respeito de Cúrcio o fato de sua obra ter diversos trechos ausentes: de um total de dez livros, os dois primeiros foram perdidos em sua integridade, ao passo que os de número V, VI e X têm lacunas significativas. A falta das páginas iniciais é sobretudo expressiva, uma vez que é muito provável que Cúrcio iniciasse o texto fornecendo informações a seu respeito, como de praxe entre os literatos antigos. Como se não bastasse, nenhum outro autor da Antiguidade faz referência direta a Cúrcio, a seu texto, ou à relação entre ambos (ATKINSON; YARDLEY, 2009, p. 2-3).

Até mesmo o título da obra curciana é controverso. Entre os códices e primeiros manuscritos, o repertório de denominações é vasto: *Historiae Alexandri Magni Macedonis*, *Historiae Magni Macedonis Alexandris Magnus* ou apenas *Historiae* (ROLFE, 1992, p. X). Doravante, a obra será denominada *História de Alexandre*, seguindo a solução *History of Alexander*, proposta por John Rolfe, responsável por verter o título do romano para a coleção Loeb, em 1946. O prestígio e a grande difusão desta coleção pautam a escolha.

Não há, portanto, consenso sobre a identidade de Cúrcio, o título de sua obra e o período no qual tomou a pena. O intenso debate a respeito de tais tópicos, bem como o peso do cenário romano sobre a *História de Alexandre* e a fortuna crítica dela derivada, constitui o cerne deste artigo.

O Desfile Imperial: A Datação de Quinto Cúrcio

O rei está morto. O rei está morto em seu leito na Babilônia. O rei está morto, mas não há silêncio em torno do cadáver. Abatido pela febre após tantas aventuras, seu corpo sequer havia

³ Apesar dos protestos de autoridades reputadas como Briant (2011, p. 46), a pecha de ‘historiadores de Alexandre’ ainda recai sobre autores como Diodoro Sículo, Plutarco, Arriano, Justino/Pompeu Trogo e o próprio Cúrcio que, utilizando-se de relatos escritos à época de conquistador, deram origem às narrativas sobre Alexandre de maior envergadura que sobreviveram até nossos dias. Seus textos foram redigidos cerca de três a cinco séculos após a morte do macedônio. Autores como Baynham (2003) e Zambrini (2007) analisam em minúcia cada um dos historiadores de Alexandre da primeira geração, incluindo as complexas relações entre eles.



arrefecido. Seus generais não pareciam se importar com o destino do solene defunto. Os jogos fúnebres sequer foram celebrados. Possuídos pela ganância, os veteranos mal derramaram lágrimas.

O contraste é magnífico. Ao saber da morte do rei, a mãe de seu mais figadal adversário explodiu em lamento, lavando com pranto caudaloso os ladrilhos do palácio de Susa. Pérdicas, Ptolomeu, Nearco e muitos outros praguejavam, discutindo quais seriam os rumos daquele império, agora tão colossal quanto acéfalo. Nada fosse feito, seu destino seria a ruína. Em meio à balbúrdia, um soldado ignoto resolve se pronunciar. Sua sugestão a respeito de quem deveria assumir o trono parecia a mais óbvia: Arrideu, filho de Filipe II da Macedônia e meio irmão do rei que acabava de fenecer. Como um novo Atlas, ele seria o mais gabaritado para sustentar carga tão pesada (CURT. X, 6, 20-24) .

A proposta do soldado começa a ganhar adeptos. Após raro momento de paz, Meleagro – general do rei sucumbido – se encarrega de buscar o sucessor. Arrideu é aclamado pelos militares. Adota nome Filipe, herança de seu pai. A linhagem nobre haveria de justificar a escolha. Envergou a indumentária de seu irmão. Meleagro legou as armas do rei morto, jurando liquidar quem se opusesse à ascensão de Arrideu (CURT. X, 7, 1-15). Pérdicas, seu inimigo de longa data, correu até o local onde jazia o antigo rei. Houve princípio de confusão, logo desbarato. Apesar disto, Meleagro tentava seduzir o novo monarca. Ao pé de seu ouvido, murmurava que Pérdicas era um sujeito ambicioso que, cedo ou tarde, se insurgiria contra ele. Matá-lo seria a chave que abriria as portas de um império próspero.

Às advertências, Arrideu reagiu de forma dúbia: o silêncio, tomado pelo general como consenso. Logo despachou uma carga para abater seu oponente. Contudo, os carrascos foram intimidados pela resolução de Pérdicas. Falharam. Em reviravolta de matizes quase novelescos, os macedônios, ao saberem do malogrado suplício de Pérdicas, ficaram ao seu lado e marcharam em direção ao mandante do crime. Meleagro escondeu-se atrás do novo rei, dizendo que o soberano havia assentido com a punição. Arrideu asseverou que pouco importava, já que Pérdicas ainda estava vivo (CURT. X, 8, 1-6).

Embora Meleagro não tivesse morrido, o clima na corte continuava tenso. Generais conspiravam uns contra os outros. Havia receio pelas zonas limítrofes do império, ameaçadas por povos desejosos de vingança. Em um cenário familiar aos leitores romanos de Cúrcio, os soldados pareciam mais fiéis aos seus próprios comandantes do que ao rei. A guerra civil era iminente. Em atitude laureada por Cúrcio, Arrideu desperta naquele cenário de desamparo e confusão. Discursa às



tropas, e o faz com notável eloquência. Destaca a crueldade de assassinar seus próprios irmãos de armas. Compromete-se a realizar um funeral à altura do rei falecido, que ainda não havia descansando em paz. Resolve colocar a coroa à disposição, caso a soldadesca achasse alguém mais digno. A fala foi recebida com júbilo pelos oficiais, que passaram a apoiá-lo (CURT. X, 8, 16-23)

A primeira decisão do monarca é certa. Resolve por fim às diferenças entre Pérδικας e Μελέαγρος, colocando suas tropas frente a frente. A disposição recebe aplausos de Κύρτιος. A seu juízo, afinal, um estado com muitas cabeças estaria condenado à erosão. Observando a sagacidade de Αρρίδης, contemplando a atitude de eliminar aqueles que aspiravam ao poder, elogiando a decisão enérgica de qualquer estadista que se preze, Κύρτιος resolve abandonar o passado. Por um momento, deixa de lado a história de Alexandre e passa à sua, à de Roma:

Portanto, com justa razão, o povo romano saúda seu príncipe, a quem deve sua salvação, e que, na noite que foi quase nossa última, brilhou como uma nova estrela. Sua ascensão, por Ηέρκουλης!, em vez daquela do sol, restaurou um mundo afogado nas trevas, quando, privados de suas cabeças, seus membros foram lançados à desordem. Neste instante, quantas tochas apagou! Quantas espadas desembainhou! Quão grande tempestade dissipou, com pronta prosperidade! Portanto, nosso império não apenas recuperou seu vigor, como ainda floresce (CURT. X, 9, 3-5)⁴.

Este trecho tem sido alvo de debates tão acalorados quanto os combates travados entre os diádocos. Ele é o ponto inicial de qualquer tentativa de estabelecer o autor e a data da História de Alexandre. Seu primeiro dado central é a menção a um *princeps* – *principi*, no genitivo singular, no excerto – que estava à frente de Roma no momento em que Κύρτιος urdia seus escritos. Desta informação, deduz-se o *terminus ante quem non* da obra: Augusto (63 a. C./14 d.C.).

Já o *terminus post quem non* não se encontra no excerto. Ele está pulverizado ao longo do texto de Κύρτιος e se relaciona ao Império Parta (247 a. C./226-7 d. C.). Em diversas passagens (cf. IV, 12, 11; V, 7, 9; VI, 2, 12), Κύρτιος assevera que os partas gozavam de prosperidade no momento em que traçava suas linhas. Uma vez que eles foram destituídos de sua hegemonia no planalto iraniano por volta de 226-7 d. C., pelas mãos do Artaxerxes I, primeiro dos soberanos sassânidas, parece seguro pontuar que a *História de Alexandre* foi redigida antes disto (PEJENAUTE RUBIO,

⁴ *Proinde iure meritoque populus Romanus. Saltem se principi suo debere proficitur, qui noctis, quam paene supremam habuimus, novum sidus inluxit. Huius, hercule, non solis ortus lucem caliganti reddidit mundo, cum sine suo capite discordia membra trepidarent. Quot ille tum extinxit faces! quot condidit gladios! quautam tempestatem subita serenitate discussit! Non ergo revirescit solum, sed etiam floret imperium.* Todas as traduções deste artigo foram realizadas pelo autor.



1986, p. 11). Há, portanto, lastro temporal de 250 anos entre os quais é possível alocar a obra de Cúrcio. De Augusto a Alexandre Severo (208-235 d. C.), infinitos comentadores tentaram datar aqueles escritos de supostas propriedades milagrosas.

Embora carregue o título de primeiro imperador, poucos creem que Augusto chegou a ler os escritos de Cúrcio. Entre os historiadores de maior vulto, apenas W. W. Tarn (1948) é favorável a esta datação, apoiado na defesa do poder central feita pelo romano no trecho citado. Tarn garante que as esperanças quanto aos rumos de um novo tipo de governo só duram os primeiros anos de sua existência. Assim, se Augusto inaugurou o principado, apenas durante seu jugo poderia haver tão calorosa defesa do exercício de seu poder como aquela perpetrada pelo autor romano.

Tibério (42 a. C./37 d. C) é a escolha de A. Devine (1979). Seu argumento gira em torno de outro tema recorrente na História de Alexandre: as conspirações contra o macedônio. Segundo o autor, a forma como Tibério e Alexandre resolviam os complôs era semelhante: execuções a sangue frio, sem possibilidade de defesa para o acusado. Ao redigir seu texto, Cúrcio descreveria os conluíus contra Alexandre a partir de sua experiência como contemporâneo do segundo imperador. O episódio do suposto complô de Filotas, que ocupa boa parte do livro V da *História de Alexandre*, é sensivelmente mais extenso e confuso do que o encontrado em outras fontes e mostra como o Alexandre de Cúrcio administra a (in)justiça: Filotas é torturado para fazer uma confissão que mais parece motivada pelo azougue do que por sua culpa, e, por fim, é executado.

A quem diga que Calígula (12 d. C./41 d. C.) é criticado nas entrelinhas de Cúrcio. Afinal, o escritor teria sido arguto o bastante para usar o termo *caliganti* (mergulhado nas trevas) no excerto, com o propósito de fazer sutil comentário ao caráter do imperador. Outras passagens da História de Alexandre também teriam sido redigidas para fazer pilhéria das extravagâncias de Calígula, comparando-as às do conquistador. Ambos nutririam gosto por visitas a tumbas de monarcas ilustres - enquanto o macedônio frequentou o sepulcro de Ciro, o César compareceu ao do próprio Alexandre. Ambos também são descritos como donos de apetite sexual voraz e amantes de seus cavalos, Bucéfalo e Incitatus, semelhanças evocadas por Zimmermann (1930) para datar o texto de Cúrcio como contemporâneo a Calígula.

Cláudio (10 a. C./54 d. C.) dispõe de vasta lista de autores que colocam a História de Alexandre sob seu principado. A mais notável evidência seria a menção de Cúrcio sobre uma noite nefasta, responsável por quase findar o Império. Muitos alegam que a passagem refere-se à madrugada de 24 para 25 de janeiro de 41 a.C. Naquela madrugada, Calígula foi assassinado por



uma conspiração liderada por Cássio Quereia, comandante da guarda pretoriana. A carnificina não encontrava limites, até que Cláudio foi encontrado por um pretoriano anônimo e declarado imperador, de maneira surpreendente⁵.

De acordo com Dempsie (1991), os paralelos entre as ascensões de Cláudio e Arrideu são claros: ambos foram sugeridos por soldados anônimos e obtiveram suporte dos grupos militares. Ambos, em meio às raras políticas que os ladeavam, pareciam ilibados, ainda não corrompidos pela podridão que grassava entre os generais de alta patente.

Para agradar a Cláudio, Cúrcio, inclusive, teria tido o cuidado de ocultar a suposta doença mental de Arrideu – lembrada por Plutarco, por exemplo⁶. Seguindo este raciocínio, o César teria outra vantagem sobre o irmão de Alexandre: ele, de fato, conseguiu evitar uma guerra civil, ao passo que Arrideu, pouco tempo após a aclamação, viu seu império arder na guerra dos diádocos. Pautar a datação da História de Alexandre a partir da hipótese de que Cúrcio deliberadamente manteve a moléstia de Arrideu à sorrelfa remonta ao menos a Errington (1970) e foi seguida por comentadores como Atkinson (1980) e Rolfe (1992).

Martin (1983) expendeu uma preposição ousada para dar conta da dita semelhança entre Cláudio e Arrideu. Segundo ele, Cúrcio teria despendido seus dotes retóricos ao adornar a coroação de Arrideu com todas as tinturas possíveis para aludir ao cenário em que Cláudio tomou a púrpura. Em outras palavras, todo o processo de sucessão de Alexandre seria uma sofisticada invenção do historiador romano levada a termo com o intuito de bajular o César então à testa de Roma. Martin (1983: 181-3) propõe que o soldado anônimo (*ignotus*) citado por Cúrcio (X, 7, 10, 13) como responsável por sugerir a posse de Arrideu foi invenção do autor romano, criada com vistas a mostrar como a eleição de Cláudio ao principado teria respaldo histórico. O fato de não haver citação a qualquer *ignotus* nos textos de Diodoro e Justino/Pompeu Trogo seria a pá de cal do argumento.

Além dos aspectos encimados, Hammlton (1988, p. 456) lembra que Sêneca descreve Cláudio, em seu *Consolatione ad Polybium* (13.1), como uma estrela (*sidus*), de modo similar ao César misterioso mencionado por Cúrcio. Ndiaye (2009, p. 47) recorda que, após a conquista da Bretanha, Cláudio teria planos de realizar campanhas contra os partas, dondeas inúmeras referências

⁵ As fontes principais para a ascensão de Cláudio são Suetônio (*Claud.* 10.2-4) e Josefo (*AJ*, XIX, 217).

⁶ De acordo com a Vida de Alexandre (LXXVII, 5), Arrideu nasceu com saúde perfeita, mas Olímpia, mãe de Alexandre, administrou-lhe drogas (*φάρμάκους*) que fizeram ruir-lhe a razão.



feitas por Cúrcio ao império que foi autêntico tormento para os romanos. Mesmo o já referido Devine (1979), que defende a escrita da História de Alexandre sob Tibério, sugere que foi apenas durante os tempos de Cláudio que ela viu a luz, por conta de suposta inclinação do imperador às letras. De acordo com Devine, Cúrcio teria sido beneficiário direto do César, deixando registrada sua gratidão na famosa passagem do livro X, incluída apenas *a posteriori* com o intuito de exaltar os dotes de Cláudio.

Embora a preferência por Cláudio seja flagrante, há vozes que se levantam contra ela, como a de Sharples (1994). Em seus esquemas, há nuances no texto curciano que, ao invés de exaltarem Cláudio, teriam efeito contrário. Um primeiro exemplo seria o papel de Arrideu na execução dos soldados de infantaria que causaram o tumulto que, em última estância, levou à sua própria aclamação (CURT. X, 9. 16).

Sharples (1994, p. 55) sugere que a citação deste episódio poderia fazer vir à tona a carnificina perpetrada por Cláudio contra os assassinos de Calígula, rememorando ao público leitor da *História de Alexandre* uma passagem na qual o César se mostrou pouco comedido. Outro ponto aventado é que a própria trama envolvendo a eleição de Cláudio não teria nada de heróica ou honrosa, de modo que as possíveis alusões a ela feitas por Cúrcio seriam temerárias ao autor. Cabe destacar, por fim, que embora Sharples externe suas objeções à atribuição corrente, ele não arrisca nenhum outro imperador sob o qual a História de Alexandre poderia ter sido escrita (SHARPLES, 1994, p. 56-57).

Galba (3 a. C./69 d. C.) é a escolha de Milns (1966), pautada mais uma vez no elogio de Cúrcio. Segundo ele, a passagem aludiria ao fim da dinastia júlio-claudiana, encerrada com a morte de Nero, em 68 d.C. Galba, o primeiro a assumir a púrpura após o suicídio do antecessor, é quem se encaixaria na descrição de um novo corpo celeste a brilhar no firmamento romano. Milns, porém, tem raciocínio semelhante ao de Devine: embora Cúrcio tivesse publicado seu trabalho sob Galba, ele teria sido escrito durante Nero, mas, por receio, deixado engavetado por anos a fio.

Vespasiano (9 d. C./79 d. C.) também dispõe de razoável contingente de defensores. Entre os argumentos levantados para esta datação, está outra identificação possível da noite que quase exterminou o Império: ela não teria ocorrido em 41 a. C., mas em 69 d. C., ano em que as tropas de Vespasiano, após subjugarem as de Vitélio na batalha de Bedríaco, avançaram em direção a Roma e acabaram por incendiar o Capitólio, em ação desastrosa descrita por Tácito (*Hist.* II, 52-100) como a mais execrável de toda a história romana.



O mesmo Tácito é apontado por Bosworth (2004) como baliza para situar a escrita da *História de Alexandre* sob Vespasiano. Bosworth afiança que os estudiosos modernos subestimam a popularidade de Cúrcio durante o principado, a ponto de o próprio Tácito ter se abeberado de suas letras. A semelhança entre as descrições dos dias terminais de Galba nos *Anais* e de Alexandre na *História de Alexandre* constituem o cerne do argumento de Bosworth.

Outra alegação dos defensores de Vespasiano é a de que Cúrcio não aludiria a um César responsável por evitar uma guerra civil, mas a um capaz de encerrá-la, feito realizado pelo Vespasiano ao sobrepujar Vitélio. Além disto, ao menos desde a morte de Nero, os Césares sempre assumiam o poder pela força, o que levava a mais conflitos quando chegada a hora da sucessão. Por este motivo, de pronto o governo de Vespasiano se apresentava alvissareiro, já que ele possuía filhos que poderiam sucedê-lo. De fato, dois deles herdaram a púrpura: Tito (79 d.C. – 81 d.C.) e Domiciano (81 d.C. – 96 d. C.) (BAYNHAM, 1998, pp. 205-16).

Trajano (53 d. C./117 d. C.), certa feita, foi considerado por Bosworth (1983) como alternativa para situar Cúrcio. Antes de repensar suas teses, o historiador afirmava que Trajano teria envergado a púrpura graças ao apoio da guarda pretoriana, do mesmo modo como Arrideu é aclamado pelos soldados macedônios. Ademais, Bosworth se escudava no relato de Plínio, o jovem, a respeito da condição de Roma antes do advento do imperador espanhol: acéfalo, com Nerva preso, o Império estava à beira da ruína, de forma que Trajano surge como baluarte de sua redenção, nos moldes do César descrito por Cúrcio. Porém, Bosworth alteraria sua opinião cerca de 20 anos depois, alocando a *História de Alexandre* sob Vespasiano. O fato de um dos maiores especialistas em Alexandre ter tornado de público sua segunda opinião a respeito de Cúrcio ratifica, outra vez, a complexidade da questão.

Alexandre Severo (208-235 d. C.) é a escolha de Steele (1915). A partir de critérios filológicos, o pesquisador encontra similitudes entre o latim de Cúrcio e os de Tito Lívio, Salústio e Tácito, estabelecendo que a *História de Alexandre* repete ecos dos três autores. Severo é também escolha de Fears (1974, 2001), ainda que ele discorde de seus pares em aspecto relevante. A partir da leitura de autores do quarto século, como Amiano Marcelino, Fears constata que os romanos usavam dos termos *parthi* (parta) e *persae* (persa) como sinônimos, de forma que estabelecer o *terminus post quem non* de Cúrcio por ocasião da queda do Império Parta seria insuficiente. Seja como for, Fears não arrisca uma datação exclusiva a partir de sua hipótese, e opta por Alexandre Severo, mas não sem antes burilar a justificativa. Cúrcio teria redigido a *História de Alexandre* após



o assassinato de Caracala (188-217 d. C.) e durante o principado de Heliogábalo (203-222 d. C.)⁷. Contudo, apenas após a promoção de Severo é que a narrativa foi publicada, talvez sob os favores daquele imperador.

Como visto, a datação da História de Alexandre desafia estudiosos sem que haja consenso, a despeito de certa predileção por Cláudio. Entretanto, seja qual for a opção desta ou daquela autoridade, uma ferramenta perpassa qualquer escolha: a passagem em que Cúrcio faz alusões ao imperador responsável por salvar Roma, trecho destacado no início deste estudo. Torna-se flagrante, a partir deste exemplo, como Cúrcio era um “romano escrevendo para romanos”, citando a consagrada expressão de Dosson.

Feitas as considerações devidas sobre o momento em que Cúrcio deu vida a seus escritos, e de posse da informação segundo a qual não há escritor antigo que faz alusão inequívoca a um autor chamado Quinto Cúrcio Rufo responsável por uma história de Alexandre, cabe passar à próxima seção: especular possíveis articulistas para a *História de Alexandre* entre os Cúrcios conhecidos na Roma imperial.

Mais Embromado que o Nó Górdio: As Possíveis Identidades de Quinto Cúrcio

De acordo com levantamento da *Real encyclopädie*, citado por Pejenaute Rubio (1986, p; 29), são conhecidas 36 personagens pertencentes à família *Curtia*. Destas, somente três possuem o *praenomen* *Quintus* e/ou o *cognomen* *Rufus*, entre os quais se acredita que está o autor da *História de Alexandre*. O primeiro Cúrcio Rufo conhecido é citado por Cícero, em epístola datada de 55 a.C, e endereçada ao seu irmão. Na missiva, o orador faz alusão a certo *Quintus Curtius*, tidocomo jovem bom e eloquente. Este postulante é descartado pela maioria dos estudiosos, já que, pela datação da carta de Cícero, é provável que único imperador conhecido pelo Cúrcio em questão seja Augusto, sob o qual poucos comentadores colocam a História de Alexandre (ROLFE, 1992, p. XIX).

O segundo possível Cúrcio é mencionado por Tácito, nos *Anais* (XI, 20-21), e Plínio, o jovem, nas *Cartas* (VII, 27, 2). Ambos trazem à baila certo *Curtius Rufus*, filho de um gladiador, que percorreu o *cursus honorum* até atingir o posto de *proconsul* da África, começando como

⁷ Cabe lembrar como Heliogábalo, entre inúmeras outras acusações, foi repreendido por usar de túnicas persas, como relata a *História Augusta* (SHA, *Helio*, XXIII, 3-4), invectiva de mesmo teor que açoitou Alexandre, reprimido pelo próprio Cúrcio por envergar o diadema (*diadema*) e as vestes persas (*vestemque Persicam*) após bater Dario (CURT. VI, 6, 1-8) (Cf. GARCÍA SÁNCHEZ, 2013, p. 91).



candidatos Caesaris durante Tibério, *consul suffectus* sob Cláudio, quiçá no ano de 45 d.C., *legatus* na Germânia, encerrando sua vida pública durante o jugo de Nero.

Dosson, em estudo pioneiro sobre o autor romano publicado ainda no século XIX, acredita que o Cúrcio mencionado por Tácito e Plínio é o autor da *História de Alexandre*. Seu argumento se baseia na forma pouco elogiosa como Tácito refere-se a ele, chamando-o de adulator de seus superiores. A pouca simpatia seria tributária dos elogios velados feitos por Cúrcio a Cláudio, já esmiuçados. Como não poderia deixar de ser, a identificação foi alvo de críticas. A primeira se alberga nos inúmeros erros de geografia cometidos ao longo da História de Alexandre. Se o Cúrcio de Tácito desfrutou de tão profícua carreira política, é pouco provável que perpetrasse imprecisões primárias como as encontradas em sua obra. Outro dos argumentos contrários à tese de Dosson é que tanto Tácito quanto Plínio não mencionam os dotes literários deste Cúrcio (PEJENAUTE RUBIO, 1986, p. 32).

O terceiro postulante é certo Q. *Curtius Rufus* mencionado por Suetônio entre M. *Porcius Latro* e L. *Valerius Primanus* em seu índice de retóricos. Ainda que as referências feitas por Suetônio ao orador sejam mínimas, sabe-se que sua lista está organizada de modo cronológico. Dado que Valério Primano atuou sob Cláudio, deduz-se que o Cúrcio de Suetônio tenha agido nos anos Tibério, Calígula ou do próprio Cláudio.

A bibliografia consultada tende a defender que o último Cúrcio é o autor da *História de Alexandre*. Rolfe (1992) ressalta que apenas um orador habilidoso seria capaz de elaborar uma narrativa tão cativante. Rolfe também acusa Cúrcio de cometer numerosos equívocos de história e geografia, imperdoáveis a um historiador, opinião compartilhada por Milns (1966). Já Atkinson e Yardley (2009, p. 14), partidários da tese que Cúrcio escreveu durante o império de Cláudio, escolhem o autor indicado por Suetônio por parâmetros cronológicos.

Mesmo com este abundante cardápio de escolhas, há quem considere que o autor da *História de Alexandre* não é nem o Cúrcio nomeado por Cícero tampouco os de Tácito, Plínio e Suetônio. Bardon (1947) é um dos que defendem que o *cognomen* Rufus era a tal ponto comum que se torna impossível fazer atribuição precisa da História de Alexandre. Já Bosworth (1983) chegou a sugerir que o autor da História de Alexandre fosse o neto do Cúrcio citado por Tácito e Plínio.

O debate apresentado explicita como a identidade de Cúrcio é tão incerta quanto a datação de sua obra. Se o termo cai bem, o único porto seguro conhecido é que Cúrcio seria um autor



romano, quer seja pelo uso do latim, quer seja pelas divagações de seu texto, que muitas vezes reportam à condição imperial.

Cúrcio, O Historiador Romano de Alexandre

É possível iniciar a identificação da cidadania de Cúrcio com o que Atkinson e Yardley (2009, p. 9) chamaram de “desprezo pelos bárbaros” externado pelo autor. Ambos defendem que este tipo de reação foi legado pelos romanos dos gregos, amiúde os letrados, que faziam questão de expô-la em seus textos. Ao retratar os bárbaros de maneira caricata, Cúrcio tinha o interesse de atrair os olhares da aristocracia romana, bem como reforçar sua posição como membro das mais eruditas cepas da cidade.

Para ficar em poucos exemplos, Cúrcio menoscaba o Egito e seus habitantes (Curt. IV, 1, 30), taxando-os como anárquicos e incapazes de grandes feitos, construção em voga à época romana, conforme demonstram as opiniões de Plínio e Tito Lívio, que também atribuíram epítetos ofensivos aos egípcios (ROLFE, 1992, p. XX). Citas (Curt. VII, 8, 10) e indianos (Curt. VIII, 13, 7-8) também não escapam à ferina pena do autor.

O raciocínio prossegue com a constatação de que Cúrcio também manifesta antipatia em relação aos gregos. A certa altura do texto (Curt. IV, 5, 7), ele ironiza os habitantes da Hélade por terem corrompido as artes liberais, como a retórica. Ao expor tais antipatias, Cúrcio afirmaria sua identidade em duplo movimento: ao maldizer os bárbaros, se apresentava como legítimo herdeiro da tradição grega. Ao menoscabar os helenos, indicava que os romanos os haviam superado.

A relação entre Cúrcio e os persas já havia sido reclamada por Bardon (1947, p. 22) como evidência de sua identidade romana. Segundo ele, a aristocracia de Roma nutria sentimento de superioridade sobre os persas, ainda que guardasse certa curiosidade a seu respeito. Cúrcio escreveria a *História de Alexandre* tanto para saciar o interesse de seu público como afirmar sua posição como pertencente àquele mesmo público.

De certo modo, as ideias de Bardon foram também exploradas por Huyse (1993, pp. 464-5) e Fears (2001, p. 449). O primeiro defende que o interesse “incomum e genuíno” de Cúrcio pelos persas o teria levado não apenas à minuciosa descrição de seu exército em marcha, mas a valiosas referências filológicas. Por intermédio do romano, sabemos que *gaza* significa, em persa, *tesouro* (CURT. III, 12, 27) e *tigris*, *flecha* (CURT. IV, 9, 16).

O vocabulário de Cúrcio é o caminho encontrado por Dempsie (1991) para asseverar a cidadania romana do autor. De acordo com seu levantamento, há uso constante de termos como



Clementia, *Pax* e *Concordia*, expressões caras ao mundo romano e usadas por Cúrcio de forma a afirmar-se como um de seus partícipes.

Também em estudo filológico, Riesta Rodríguez (1992, p. 8) mediu o impacto do conceito de *Clementia* na História de Alexandre, divisando que esta era a virtude mais laureada por Cúrcio, ao passo que Palacios Mahecha (2009, p. 287) encontra nas justificativas de Alexandre para a invasão asiática amostras da identidade romana de Cúrcio. Em carta endereçada ao conquistador após a Batalha de Isso, Dario faz uso de termos insolentes, se recusando a chamar Alexandre de rei (CURT. IV, 1,7-9). Para PalaciosMahecha, a epístola foi descrita por Cúrcio de modo a legitimar a empresa de Alexandre: a expedição de um rei justo contra as tiranias de um déspota oriental, justificativa alegórica semelhante à perpetrada pelos romanos em suas aventuras imperiais.

À parte os pontos já arrolados, algumas das críticas feitas por Cúrcio ao caráter de Alexandre bem podem ter sido motivadas por viés romano do autor. Neste particular, o papel dos banquetes ganha destaque. Para ficar apenas em um exemplo, por ocasião do casamento entre Alexandre e Roxane, Cúrcio não tem reservas em criticar o banquete realizado com a opulência dos bárbaros (*barbara opulentia convivium*) que serviu de pano de fundo para o primeiro encontro entre o conquistador e a princesa bactriana (CURT. VIII, 4, 22). O autor romano, aliás, é o mais crítico entre os historiadores de Alexandre ao analisar o episódio, asseverando por diversas vezes as facetas nefastas da união.

Com efeito, Cúrcio lembra que a donzela logo captou a atenção de Alexandre, que, agora sem controlar suas paixões desmedidas (*cupiditatibus*) rendeu-se a seus encantos (CURT. VIII, 4, 24). Esta escolha não foi inconsequente e, mais adiante, é afiançado que os amigos de Alexandre se sentiram aviltados por ele ter escolhido seu sogro entre os vencidos (*servit*) e em meio a uma festa regada a refeições desmedidas (*epulas*) e vinho abundante (*super uinum*) (CURT.VIII, 4, 30). Além deste episódio, o assassinato do general Clito pelo conquistador (CURT. VIII, 1, 22, ss.) e a violenta alteração entre Alexandre e Calístenes por conta da *proskynesis* (CURT.VIII, 5, 5 ss.) também têm os banquetes como pano de fundo.

Conforme mostrou Edmunds (1980, pp. 52-3), os banquetes constituem um *topos* dos mais relevantes na literatura latina, com sua dupla e paradoxal função: por um lado, as refeições deveriam ser refinadas e sofisticadas de modo a mostrar a prosperidade do anfitrião. Por outro, se sua abundância fosse desmedida, o mesmo anfitrião poderia ser acusado por ter perdido o



comedimento. Escudando-se em textos de Petrônio, Marcial e Cícero, Edmunds identifica como são tênues os limites entre frugalidade e pobreza, fartura e desmesura nos protocolos romanos.

Ao aproximar os postulados de Edmunds à História de Alexandre, a grande quantidade de menções aos banquetes – assim como a conotação amiúde negativa associada a eles – parece se explicar: sendo assunto de relevo entre a aristocracia romana, Cúrcio parece não se furtar ao recurso de citá-lo à exaustão, lembrando a todos o quão mal afamado pode ficar alguém que ultrapassar os limites da frugalidade. Seja nos incidentes de Clito, seja no de Calístenes, seja no casamento com Roxane, seja com seu novo hábito de adiantar os festins, o macedônio parece condenado por um juiz romano de posse de uma constituição romana: o próprio Cúrcio e sua obra.

As considerações acima são reforçadas por ocasião de outro episódio cabal: o incêndio de Persépolis. Cúrcio atribui parte de sua culpa à influência da cortesã ateniense Thais, responsável por instigar Alexandre. Cúrcio aproveita para dissertar sobre a relação entre o macedônio e seus soldados com as *hetairas*. O romano cita sua onipresença nos banquetes, nos quais davam, com frequência, maus conselhos aos homens com quem se deitavam (CURT. V, 7, 2-3). Outra vez, Cúrcio parece condenar Alexandre por ele não se enquadrar em protocolos romanos. Conforme indicou Williams (2005, p. 46), a relação do aristocrata romano com as cortesãs deveria ser baseada no comedimento, em termos sexuais e econômicos. Concentrando a atenção apenas no exemplo de Thais, Alexandre excedeu a moderação esperada ao deixar-se levar por sua lábia.

Reforçando o olhar romano de Cúrcio, vale mencionar a passagem em que o autor mostra-se incomodado com as tradições babilônicas. Cúrcio denuncia a cidade como lar de hábitos corruptos, entre os quais destaca o costume de pais e maridos deixarem suas filhas e esposas se prostituírem aos estrangeiros (CURT. V, 1, 37). Williams (2005, p. 42), citando passagem dos *Anais*, de Tácito (II, 85), lembra que, em 19 a.C., o senado romano expediu decreto impedindo que netas, filhas e esposas de membros da ordem equestre trabalhassem como meretrizes. Se por um lado, como bem notou Williams, a proibição mostra como tal prática era comum, por outro sua censura demonstra que havia quem a condenasse, como parece ser o caso de Cúrcio.

A Terrível Fama de Cúrcio

Diante das poucas informações a respeito de Quinto Cúrcio de que dispomos, talvez cause espanto a popularidade da qual ele gozou durante o Medievo, quando seus escritos serviram de base para diversas epopeias sobre Alexandre. Pejenaute-Rubio (1986, p. 56) apresenta alguns bardos que se espelharam nas letras do romano, como o austríaco Rudolf von Ems e seu *Alexander*, datado de



cerca de 1250, bem como o *Alexandreis*, do francês Gautier de Chatillon, escrito entre 1178 e 1182. Seu sucesso foi tão grande que menos de uma década depois, na Itália, Enrico de Settimello compôs versos de teor semelhante, tarefa também realizada pelo flamengo Jakob van Maerlant - *Alexander Geesten*, tradução em estrofes rítmicas de Chantillon – e por Ulrich von Etzenbach e seu *Alexander*.

Após o Renascimento, no entanto, a popularidade de Cúrcio caiu sobremodo. Casos como o de Charles Le Brun (1619-1690) tornaram-se exceções. O pintor, que recebeu de Luís XIV o título de “maior artista francês de todos os tempos”, pincelou, por volta de 1665, *L'Entrée d'Alexandre le Grand dans Babylone*, que retrata a chegada do conquistador à famosa cidade e cujo relato é ofertado apenas por Cúrcio. Este quadro, ora no Louvre, pertence a uma série de seis pinturas levadas a cabo por Le Brun, que retratam momentos-chave da vida de Alexandre.

Durante os séculos XIX e XX, a fama do romano atingiu o ocaso. Duros foram os epítetos a ele atribuídos. W. W. Tarn não teve pudores em chamá-lo de “amador privilegiado”. Ch. Edson atribuiu-lhe a alcunha de “retórico irresponsável” e Ronald Syme – duplo insulto – acusou-o de “pouco melhor que um jornalista”. Uma das denúncias mais comuns dizia respeito à suposta incúria de Cúrcio no manejo de suas fontes. De fato, apenas em raras ocasiões o romano cita de quem teria extraído suas informações, legando tal desafio ao engenho de seus comentadores (BAYNHAM, 1998, p. 5).

Somente em dois momentos o romano explicita a procedência de suas afirmações: Clítarco, Ptolomeu e Timágenes são nomeados em IX, 5, 21 e Clítarco, sozinho, em IX, 8, 15. Vale lembrar que Ptolomeu foi um dos mais famosos oficiais de Alexandre e que escreveu seu relato já no final da vida, em Alexandria. Sobre Clítarco e Timágenes os dados são exíguos. Sabe-se que o primeiro viveu em Alexandria e que teria redigido um relato sobre Alexandre em tons quase novelescos, muito semelhantes aos de Cúrcio. Já Timágenes foi um historiador grego levado a Roma como prisioneiro, por volta de 55 a.C., única informação ao seu respeito (PEJENAUTE RUBIO, 1986, p. 41).

Ainda que Cúrcio nomeie os três autores, Heckel (1991, p. 67) considera que seu contato com eles foi apenas secundário, por meio de outros historiadores de Alexandre. Já Steele (1919) percebe que Cúrcio comete os mesmos erros de geografia que Diodoro, o que caracteriza a consulta ao texto do siciliano. Steele sequer se furta a ponderar que o romano teria se servido dos relatos de Plutarco e de Arriano. Do primeiro, viriam os nomes de suas personagens, vertidos do grego para o



latim. Do segundo – caracterizado pela irremediável paixão pelos números – viriam as cifras de combatentes, baixas, distâncias percorridas e demais somas relevantes.

Já o uso que Cúrcio teria feito de Pompeu Trogo/ Justino é controverso. Trogo foi historiador proveniente da Gália que escreveu as *Histórias Filípicas*, texto perdido, conhecido por intermédio de um epítome feito por Justino, possivelmente no século II d.C. O peso desta obra em Cúrcio foi debatido por Bardon (1947, p. 124) e Thérassé (1968, p. 588), com resultados distintos: o primeiro vê muitas das hostilidades dirigidas por Cúrcio a Alexandre como ecos de Trogo, ao passo que o segundo não observa quaisquer relações entre os autores em questão.

Seja como for, fração considerável da fortuna crítica consultada faz comentários nada elogiosos a respeito do manejo de Cúrcio com suas fontes. Bosworth (1996, p. 416) delata o romano por usar de outros autores de modo arbitrário, fazendo da *História de Alexandre* uma confusão de referências entrecruzadas⁸. Mckechnie (1999) vê tamanha desídia em Cúrcio que considera todo seu livro X como mero exercício de retórica, desprovido de valor histórico.

Ainda que a pecha de manipulador insista em recair sobre Cúrcio – Freeman (2014, p. 367) acaba de denunciá-lo como autor de uma história “cheia de discursos inventados” – o romano tem experimentado crescimento a olhos vistos nos últimos anos, conforme assinalou Olbrycht (2008, p. 232-3). De fato, trabalhos notáveis em qualidade e fôlego, como os de Dempsey (1991), Bayham (1998) e Atinkson & Yardley (2009), são recentes, assim como parte dos artigos já citados. Ao que pese esta renovação historiográfica, os problemas aos quais os historiadores de Quinto Cúrcio dirigem sua atenção não parecem sofrer alterações profundas.

Para nos atermos apenas aos comentadores citados, Baynham ainda se vem às voltas como os enigmas relativos à datação e à autoria da *História de Alexandre*, bem como ao contexto romano no qual se insere a obra. Já Dempsey e Atinkson & Yardley operam em especial com a filologia ao analisarem o livro X do autor romano. Devido aos temas nele abordados, como a já discutida passagem sobre um imperador responsável por salvar Roma e descrição dos eventos imediatamente posteriores à morte de Alexandre, questões com as fontes consultadas por Cúrcio e a autenticidade de seu relato também entram em linha de conta para os pesquisadores em questão.

Considerações Finais

⁸ Ao que parece, Bosworth cultivava o insólito hábito de mudar seus pareceres sobre Cúrcio com frequência. No artigo “Plus ça change...Ancient Historians and their Sources” (2003), o historiador exime Cúrcio de qualquer culpa em eventuais imprecisões de sua narrativa, creditando-as às fontes consultadas por ele.



Este artigo teve por objetivo apresentar parte do debate historiográfico a respeito do historiador romano Quinto Cúrcio Rufo e sua *História de Alexandre*. Aspectos como a datação da obra, sua autoria, a identidade de seu autor, o cenário romano que o cercava e fração de sua fortuna crítica foram privilegiados. A partir do levantamento bibliográfico arrolado, foi possível notar como a maioria dos comentadores opta por situar a *História de Alexandre* durante o império de Cláudio, bem como propõe que seu autor teria sido citado por Sêneca como um orador que atuou durante o mesmo período. Também foi possível notar que embora Cúrcio tenha desfrutado de alta reputação durante o Medievo – talvez por conta do estilo novelesco e anedótico de sua narrativa –, a historiografia moderna não teve freios em imputar-lhe acusações de amadorismo e incúria, muito por conta de seu manejo com as fontes, tido por inepto e descuidado. Entretanto, o número de trabalhos mais simpáticos ao autor romano tem crescido nas últimas décadas, ainda que as questões magnas encimadas – como a datação e autoria da *História de Alexandre* – continuem dominando a historiografia sobre Quinto Cúrcio.

Referências

ATKINSON, John. **A commentary on Q. Curtius Rufus Historiae Alexandri Magni**. Books 3 and 4. New Jersey: Humanities Press, 1980.

ATKINSON, John; YARDLEY, John. **Quintus Curtius Rufus – Histories of Alexander the Great**. Book 10. Oxford: Oxford University Press, 2009.

BARDON, Henri. Quinte-Curce. **Lés Études Classiques**, n. 15, 1947.

BAYNHAM, Elizabeth. **Alexander the great: the unique history of Quintus Curtius**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1998.

BAYNHAM, Elizabeth. The ancient evidence for Alexander the great. In: ROISMAN, Joseph. **Brill's companion to Alexander the great**. Leiden: Brill, 2003.

BOSWORTH, Albert Brian. Curtius Rufus, Quintus. In: HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony. (Eds.) **Oxford Classical Dictionary**, 3rd Ed., 1996.

BOSWORTH, Albert Brian. History and rhetoric in Curtius Rufus. **Phoenix**, n. 37, 1983.

BOSWORTH, Albert Brian. Mountain and molehill? Cornelius Tacitus and Quintus Curtius. **The Classical Quarterly**, v. 54, n. 2, 2004.

BOSWORTH, Albert Brian. Plus ça change... ancient historians and their Sources. **Classical Antiquity**, v. 22, n. 2, 2003.

BRIANT, Pierre. **Alexandre, o grande**. Porto Alegre: L&M Pocket, 2011.

DEVINE, Andrew M. The Parthi, The Tyranny of Tiberius, and the Date of Q. Curtius Rufus. **Phoenix**, v. 2, n. 33, 1979.

DOSSON, Simon. **Étude sur Quinte-Curce**. Paris: Librairie Hachette, 1886.



- EDMUNDS, Lowell. Ancient Roman and Modern American Food: A Comparative Sketch of Two Semiological Systems. **Comparative Civilizations Review**, n. 5, 1980.
- ERRINGTON, Robert M. From Babylon to Triparadeisos: 323-320 B.C.” **The Journal of Hellenic Studies**, v. 90, 1970.
- FEARS, J. Rufus. Review of Alexander the great: the unique history of Quintus Curtius by Elizabeth Baynham. **American Journal of Philology**, v. 122, n. 3, 2001.
- FEARS, J. Rufus. The solar monarchy of Nero and the imperial panegyric of Q. Curtius Rufus. **Historia: zeitschrift für alte geschichte**, v. 4, n. 25, 1976.
- FEARS, J. Rufus. Parthi in Q. Curtius Rufus. **Hermes**, n. 102, 1974.
- FREEMAN, Phillip. **Alexandre, o grande**. Barueri: Amariyls, 2014.
- GARCÍA SÁNCHEZ, Manel. El discurso sobre el bárbaro: Aqueménidas, Arsácidas y Sasánidas en las fuentes grecorromanas. In: FORNIS, César. **Los discursos del poder/el poder de los discursos en la Antigüedad Clásica**. Zaragoza: Libros Portico, 2013.
- HAMILTON, John R. The Date of Quintus Curtius Rufus. **Historia: Zeitschrift für alte Geschichte**, n. 35, 1988.
- HARTOG, François. Tempo, História e a escrita da História: a ordem do tempo. **Revista de História**, n. 148, 2003.
- HECKEL, Waldemar. Notes on Q. Curtius Rufus History of Alexander”. **Acta Classica**, n. 37, 1994.
- HUYSE, Philipe. “Curtius Rufus, Quintus. In: **Encyclopaedia Iranica**. Volume VI, Fasc. 5, 1993.
- MARTÍN, Thomas. Quintus Curtius – presentation of Philip Arrhidaeus and Josephus' Accounts of the accession of Claudius. **American Journal of Ancient History**, v. 8, n. 2, 1983.
- McKECHNIE, Paul. Manipulation of Themes in Quintus Curtius Rufus Book 10. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, n. 48, 1999.
- MILNS, Robert. The Date of Curtius Rufus and the *Historiae Alexandri*. **Latomus**, n. 25, 1966.
- NDIAYE, Emilia. Alexandre, Rome et les barbares d'Orient: rhétorique et politique dans l'Histoire d'Alexandre de Quinte-Curce. **Vita Latina**, n.181, 2009.
- OLBRYCHT, Marek. Curtius Rufus, the Macedonian mutiny at opis and Alexander's iranian policy in 324 b.C. In: PIGÓN, Jakub. **The children of Herodotus: greek and roman historiography and related genres**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2008.
- PALACIOS MAHECHA, Jaime. Las cartas en la Historia de Alejandro Magno de Quinto Curcio Rufo como elemento literario de crítica política” **Literatura: Teoría, Historia, Crítica**. n. 10, 2009.
- PEJENAUTE RUBIO, Francisco. “Introducción” in QUINTO CÚRCIO RUFO. **Historia de Alejandro Magno**. Madrid: Gredos, 1986.
- RIESTRA RODRÍGUEZ Antonio. La misericordia en las *Historiae Alexandri Magni* de Quinto Curcio”. **Gerón**, n. 10, 1992.



ROLFE, John. "Introduction". In: Quinto Cúrcio. **History of Alexander**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

SHARPLES, Ian. Curtius Treatment of Arrhidaeus. **Mediterranean Archaeology**, v. 7, 1994.

STEELE, Robert B. Curtius and Arrian: Part I. **The American Journal of Philology**, v. 40, n. 1, , 1919a.

STEELE, Robert B. Curtius and Arrian: Part II. **The American Journal of Philology**, v. 40, n. 2, , 1919b.

STEELE, Robert B. Quintus Curtius Rufus. **The American Journal of Philology**, n. 36, 1915.

TARN, William W. **Alexander the great**. Volume 2: Sources and Studies. Cambridge: Cambridge University Press, 1948.

THÉRASSE, Jean. Le moralisme de Justin (Trogue-Pompée) contra Alexandre Le Grand. Son influence sur l'oeuvre de Quinte-Curce. **L'Antiquité Classique**, n. 37, 1986.

VIZENTIN, Marilena. Espelhos contrapostos: Alexandre e o modelo de imperador romano. **Métis**, v. 8, 2009.

WILLIAMS, Craig. **Roman homosexuality**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

ZAMBRINI, Andrea. The historians of Alexandre the great. In: MARINCOLA, John. **A companion to Greek and Roman historiography**. Willey: Blackwell, 2007.

ZIMMERMANN, Rudolf. Die Zeit des Geschichtsschreibers Curtius Rufus. **Rheinisch Musseum**, n. 79, 1930.